



### 5.3. Figurações de um avô cúmplice: Manuela Bacelar e o álbum *O Meu Avô*<sup>25</sup>

José António Gomes  
(ESE-IP Porto)

Ana Margarida Ramos  
(CIDTFF – Universidade de Aveiro)

Sara Reis da Silva  
(IE – Universidade do Minho)

**Resumo:** Em 1990, Manuela Bacelar, reconhecida ilustradora portuguesa, criou uma coleção de álbuns narrativos nas Edições Afrontamento, a que deu o nome de “Triciclo voador”. Nessa coleção, publicou *O Meu Avô* que, juntamente com *O Dinossauro*, e, em outra editora, *Este É o Tobias* (1989), constituíram um quase ponto de partida no processo de criação de álbuns narrativos de autoria portuguesa, de novo tipo, destinados ao público infantil. Nessa coleção, Manuela Bacelar apresentava-se já não apenas como autora das imagens, mas também como responsável pelo argumento e pelo texto linguístico. É em *O Meu Avô* que a premiada artista aborda

25. Porto: Afrontamento, col. O triciclo voador, 1990, 32 pp. (ISBN: 972-36-0249-0).

uma situação que claramente dá a ver um avô não convencional, mas sim um idoso personagem ativa, divertida e cúmplice do menino. Uma figura próxima, deste modo, do imaginário e do ludismo que são próprios das crianças mais novas.

**Palavras-chave:** álbum narrativo, avô cúmplice, Manuela Bacelar, relação criança-avô.

**Abstract:** In 1990, the renowned Portuguese illustrator, Manuela Bacelar created a collection of narrative picture storybooks in Edições Afrontamento, that she named "Triciclo voador" (Flying tricycle). In this collection, she published *O Meu Avô* (My Grandfather) which, along with *O Dinossauro* (The Dinosaur), and in another publisher, *Este É o Tobias* (1989) (This Is Tobias), established a near starting point for the process of creating children's picture storybooks of a new type in Portugal. In this collection, Manuela Bacelar presented herself not only as the author of the images, but also as the writer of the linguistic text. It is in *O Meu Avô* that the award-winning artist imagines a funny situation that clearly shows a grandfather who is not exactly conventional, but rather an active and entertaining partner of the child, closer in this way to his imagination and to the ludic quality that characterizes the life of very young girls and boys.

**Keywords:** Manuela Bacelar, grandfather as the child's partner, picture storybook, relationship between the child and the grandfather.

Manuela Bacelar (nascida em Coimbra, em 1943) é autora de ilustrações de reconhecida qualidade, como as que produziu para obras marcantes como *História da Égua Branca* (1977), de Eugénio de Andrade, *O Menino Chamado Menino* (1983) e *O Reino Perdido* (1986), de Álvaro Magalhães, ou *Um Artista Chamado Duque* (1990), de Ilse Losa, a par dos títulos premiados a que adiante faremos referência.

Tendo assinado as ilustrações de dezenas de livros, escritos pelos principais autores portugueses de literatura para a infância (Matilde Rosa Araújo, Luísa Dacosta, Luísa Ducla Soares, António Torrado, Alice Vieira, José Jorge Letria, Manuel António Pina e muitos outros, além dos já mencionados), Manuela Bacelar viu crescer o seu prestígio, reconhecido em Portugal e no estrangeiro. Foi duplamente galardoada, por exemplo, com o Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças (Ilustração) e a Maçã de Ouro da Bienal de Ilustração de Bratislava / 1989 pelo segundo conjunto de imagens para *Silka* (edição pela Horizonte: 1984; edição pela Afrontamento: 1989), de Ilse Losa. Tratava-se, no caso em apreço, da recriação de uma perturbadora história tradicional da região báltica, que podia ser lida como parábola sobre a intolerância e também como cifrada meditação em torno do destino do povo judeu. Desta narrativa de final trágico soube Manuela Bacelar traduzir, em singulares ilustrações a óleo, a ambiência angustiante e carregada. Mas, entre outros reconhecimentos públicos obtidos pela autora de *Este É o Tobias*, registem-se ainda as distinções no âmbito dos Prémios Octogones e Pier Paolo Vergerio (atribuídas a *O Meu Avô*), a candidatura portuguesa ao Prémio Hans Christian Andersen/1994 e o Prémio Nacional de Ilustração do Ministério da Cultura e da Secção Portuguesa do IBBY, em 1996 – este concedido ao livro *A Sereiazinha* (1996), de Hans Christian Andersen, editado pela Afrontamento –, a que vieram somar-se o Prémio António Botto, em 2000, e a seleção para importantes exposições nacionais e internacionais (como as de Bratislava e Sarmede).

Outra área em que a arte de Manuela Bacelar ganhou notoriedade foi a dos álbuns vocacionados para crianças em idade pré-escolar e escolar, como *O Meu Avô*, que é objeto do presente comentário. Neste caso, optou por ilustrações muito diversas das que realizara para *Silka* ou das que se observam em *A Sereiazinha* e *António e o Príncipezinho* (1993) de José Jorge Letria, dois dos seus trabalhos mais conseguidos. Nos álbuns para os mais pequenos, o contorno a carvão ganha visibilidade, o traço é por vezes caricatural e as imagens

distanciam-se da pintura, aproximando-se, por vezes, do *cartoon* e evidenciando sentido de humor, marca recorrente em muitos trabalhos da ilustradora.

Tais álbuns surgiam num período em que ainda eram escassas, em Portugal, as apostas na edição do livro ilustrado para os mais pequenos, contendo uma única narrativa. Em finais da década de noventa, a situação começaria a mudar. Na senda dos trabalhos de Leonor Praça e de alguns minialbuns, assinados sobretudo por ilustradores e editados nas décadas de setenta e oitenta na coleção “Caracol” (da Plátano Editora), dirigida por António Torrado, na esteira ainda do que fizera Maria Keil – em *O Pau de Fileira* (1976) e *Os Presentes* (1979) –, Bacelar passa a assinar ilustração e texto, fundando a coleção “Triciclo voador” e publicando, em 1990, dois títulos – *O Meu Avô* e *O Dinossauro* –, aos quais se seguiu um terceiro, quatro anos depois, com texto de Luísa Ducla Soares: *Os Ovos Misteriosos*. Editados pela Afrontamento, traduzidos para francês, e dois deles premiados, estes livros divertidos e de assinalável qualidade estética merecem figurar em qualquer bibliografia portuguesa seletiva de obras para uma faixa etária situada entre os três e os sete anos. Mais tarde, Manuela Bacelar faria a “Triciclo voador” crescer com novos títulos: *Sebastião* (2004), um livro sem texto linguístico, *Bernardino* (2005) ou *O Livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8)* (2008).

Na sua colecção “Tobias” (nove volumes originalmente saídos com a chancela da Porto Editora), a artista ofereceu-nos outros álbuns destinados a crianças pequenas (como *Este É o Tobias*, 1989, *Tobias, os 7 Anões e Etc.*, 1990, e *Tobias às Fatias*, 1991), a juntar a obras mais vocacionadas para leitores iniciais (como *Tobias Encontra Leonardo*, 1991, ou *Tobias – O que Eu Passei para Chegar Aqui!*, 1992), num esforço de renovação do panorama português das narrativas ilustradas com pouco texto. Este trabalho prolonga-se na publicação de *Era Uma Vez a Bublina* e do livro de atividades *Bublina e as Cores* (1996), ambos da extinta editora Desabrochar e dirigidos a crianças em idade pré-escolar. Em todas estas obras, nas quais a dimensão lúdica e humorística dos enredos, muito simples, se acentua, a artista continua

a revelar o seu estilo inconfundível, mas também uma conseguida pluralidade de registos gráficos e expressivos.

Manuela Bacelar fora formada na antiga República Socialista da Checoslováquia – onde a arte da ilustração, o teatro infantil e o cinema de animação haviam atingido elevados níveis de qualidade e originalidade – e, nas décadas de sessenta e setenta (período em que o álbum conheceu um *boom* decisivo em alguns países europeus e nos Estados Unidos), tinha contacto habitual com a produção europeia neste campo. Em testemunhos que são conhecidos Bacelar assume a influência de ilustradores como Jirí Trnka, Miloslav Jagr e Adolf Born e da pintura da portuguesa Paula Rego. Familiarizada com o panorama da edição internacional, é compreensível que tenha sido das primeiras artistas portuguesas a abalar-se ao projeto de conceber álbuns narrativos.

Centremo-nos, pois, em *O Meu Avô*, narrativa muito simples, no plano diegético, que mimetiza uma enunciação de criança (ao estilo “composição escrita” infantil) e que aborda o quotidiano de uma relação feliz e divertida de um avô com o seu neto. O narrador infantil homodiegético (ou seja, o próprio neto) vai descrevendo, no presente, o seu avô, que dele cuida, e vai contando o quotidiano de ambos: o segundo vai buscá-lo à escola, lancham, brincam juntos. Finalmente, refere-se a atividade da personagem idosa: é pasteleiro. E acrescenta-se: “Por vezes o meu Avô fica muito chateado, porque se esquece de ir à cozinha e os doces vão por fora das panelas. Então eu chamo os meus amigos e fazemos uma grande festa” (Bacelar, 1990).

Abrangendo sempre duas páginas, as imagens – em que desenho, contorno e registo humorístico convergem para um registo singular – exprimem a relação positiva, cúmplice e afetuosa do neto com o avô por meio de uma bela, esfusante e apelativa combinação de vermelhos, roxos e verdes, da qual se desprende uma sensação de liberdade em termos plásticos. O recurso à página dupla permite conferir uma dimensão mais impactante aos elementos representados e salientar expressivamente contrastes de tamanho, sendo notória, em alguns mo-

mentos, a exploração da clássica tensão do virar da página. Quanto ao vermelho, é utilizado de forma hiperbólica para ilustrar a situação da massa dos bolos a transbordar das panelas e a espalhar-se surrealisticamente pelo chão; mas, convertida em rosa avermelhado, essa mesma cor, dominante no álbum, traduz também o entusiasmo das brincadeiras infantis e a ligeira vergonha sentida pelo avô.

A leitura permite aos destinatários preferenciais reter uma representação não tradicional da pessoa idosa, figurada aqui como ativa e cúmplice, mas algo distraída e atraída pelo ludismo (e, por isso, próxima da criança), marcada por visíveis traços de positividade. O companheirismo e o relacionamento afetuosos do menino (e dos seus amigos) com alguém muito mais velho constituem, pois, imagens de marca deste álbum, cuja atualidade e frescura se mantêm intactas. “Eu gosto muito do meu Avô” (*Ibidem*), conclui o narrador, enquanto a ilustração que acompanha a tirada final mostra o pequeno deitado sobre a calva do avô.

Aliás, a altura deste confrontada com a pequenez do neto é outro dos aspetos humorísticos explorados pelas imagens, as quais, na representação dos protagonistas, tiram partido do cómico de carácter, e, por exemplo na cena da massa de bolo a transbordar da panela, recorrem ao cómico de situação, para apenas apontar dois exemplos.

Com obras como esta, Manuela Bacelar – cujo trabalho, há alguns anos, foi estudado em profundidade por Carina Rodrigues (2013) – dava pois, no início da década de noventa, um impulso decisivo ao álbum narrativo português destinado a crianças pequenas e revelava, uma vez mais, a versatilidade do seu talento. Por outro lado, evidenciava o seu interesse por uma representação positiva, ativa e bem-humorada, mas menos convencional da personagem idosa, o que de algum modo a valoriza aos olhos do pequeno leitor.



## Referências bibliográficas

**Rodrigues, Carina Miguel Figueiredo da Cruz Rosa** (2013), *Palavras e imagens de mãos dadas: a arquitetura do álbum narrativo em Manuela Bacelar*, Aveiro: Universidade de Aveiro (tese de doutoramento apresentada a esta universidade).